



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_

LETRAMENTO LITERÁRIO POR MEIO DO CONTO *GESSO*

Clayton Pinheiro do Ó

Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL/UECE)

claytonpinheiomagico@gmail.com / clayton.pinheiro@aluno.uece.br

RESUMO

A formação da identidade de uma nação está relacionada a vários aspectos das relações sociais. Neste trabalho, buscaremos entender como algumas práticas do cotidiano estão representadas na literatura e como esta influencia o modo pelo qual a compreensão do que é pertencer a um grupo contribui para definição do que é ser brasileiro, por exemplo.

Desse modo, partiremos de alguns conceitos de cultura Williams (2007) e de cultura popular Abreu (2003) para a discussão de temas presentes no conto Gesso, de Jarrid Arraes (2019), que são pertinentes para um trabalho de círculo de leitura Cosson (2019; 2014) para a formação de uma comunidade de leitores, tendo em vista a importância na leitura diversificada para prática efetiva de letramento literário no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Leitura. Cultura.

INTRODUÇÃO

O ser humano é a única espécie do planeta capaz de produzir cultura, além de possuir a capacidade de refletir e analisar as próprias produções culturais. Mas o que é de fato cultura?



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_

Quais práticas cotidianas podem ser consideradas parte de uma cultura? E por que tais práticas seriam classificadas como culturais e outras não? Definir o que é cultura não tarefa muito fácil, tendo em vista à complexidade envolvida nas relações humanas, como ficou dito no início do texto, cultura é produzida pelo ser humano, mais precisamente, resultado de suas relações sociais, sem as quais não seria possível imaginar uma determinada cultura sem os atores e atrizes sociais envolvidos, pois uma pessoa sozinha não poderia *desenvolver* uma cultura.

A questão fica mais complicada ao lembrarmos de expressões como *cultura popular* ou *cultura de massa*, por exemplo. Quais são os limites entre ambas? Se imaginarmos, de maneira bem simplista, que a cultura é *algo, um produto*, que é resultado das relações coletivas entre as pessoas, como diferenciar uma cultura popular da de massa? Ou erudita? Raymond Williams (2007) percorreu as mudanças de sentido pelas quais a palavra cultura passou ao longo da história. De origem latina, a palavra possuía uma significação ampla como: habitar, cultivar, proteger etc. que, ao passar dos séculos, foram adquirindo certa independência entre si, no entanto, mantendo a ideia de atividade humana, no sentido de fazer, de realizar.

O autor traz alguns exemplos de utilização da palavra cultura, como “cultura da beterraba”, “cultura dos germes”, mas quando o uso vai além do aspecto físico, o sentido se torna mais abstrato, mais amplo:

Mas, quando vamos mais além da referência física, temos de reconhecer três categorias amplas e ativas de uso. (...): (i) substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do S18; (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, (...) (iii) o substantivo geral e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. Com frequência, esse parece ser hoje o sentido mais difundido: cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema. (WILLIAMS, 2007, p. 121)

É evidente que as três definições de uso são de nosso interesse para os objetivos deste trabalho, mas, principalmente, a terceira definição por trazer a produção artística daquilo que o artista apreende ou imagina da cultura na qual está inserido – uma vez mais, aqui vemos



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_

como é difícil definir o que se entende por cultura, neste caso, o conceito fica mais próximo da primeira e segunda definições. A Arte tem várias funções, dentre elas podemos encontrar o retrato de algumas práticas morais de determinada época. Por isso, a terceira definição proposta por Raymond Williams se aproxima mais do entendimento da Arte como um produto cultural, assim, a arte literária é uma fonte rica de temas que possibilitam a discussão e reflexão das complexas relações sociais. Como exemplo de um texto literário que pode gerar debates, discutiremos, mais à frente, o conto *Gesso*, da escritora cearense Jarid Arraes.

E cultura popular? Por que este nome? Quais características são atributos para a definição de cultura popular? Como vimos no início, não é simples definir o que seja cultura, mas é interessante notar como temos ideias intuitivas do que seja a dita cultura popular. Martha Abreu (2003) também busca resolver a questão das definições:

(...) Para uns, a cultura popular equivale ao folclore, entendido como o conjunto das tradições culturais de um país ou região; para outros, inversamente, o popular desapareceu na irresistível pressão da cultura de massa (sempre associada à expansão do rádio, televisão e cinema) e não é mais possível saber o que é originalmente ou essencialmente do povo e dos setores populares. Para muitos, com certeza, o conceito ainda consegue expressar um certo sentido de diferença, alteridade e estranhamento cultural em relação a outras práticas culturais (ditas eruditas, oficiais ou mais refinadas) em uma mesma sociedade, embora estas diferenças possam ser vistas como um sistema simbólico coerente e autônomo, ou, inversamente, como dependente e carente em relação à cultura dos grupos ditos dominantes. (ABREU, 2003, p.1)

A escritora, poeta e cordelista Jarid Arraes nasceu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri, no estado do Ceará. De família de cordelistas, desde muito cedo conviveu em contato com a riqueza cultural produzida na região, fruto da forte influência da religiosidade de seu povo. Apesar disso, a escritora busca refletir sobre temas urbanos em suas obras, portanto, sem reforçar muitos estereótipos atribuídos aos habitantes das cidades interioranas do estado do Ceará como: a seca, a fome, a miséria, que são assuntos explorados e divulgados de maneira preconceituosa como se fossem essas características definidoras da região.

Podemos acrescentar que Jarid Arraes é uma mulher negra e que ela tem uma produção literária que busca a afirmação da identidade. Por exemplo, *Histórias de heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* em que ela se vale de um gênero literário muito presente em



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_

algumas regiões interioranas, particularmente em feiras e praças, desse modo, colhendo da cultura popular um suporte, no caso, a literatura de cordel, para escrever sobre várias mulheres que tiveram suas histórias ocultadas pela história oficial. Assim, ainda refletindo sobre o conceito de cultura popular, entendemos que o cordel é uma manifestação artística presente no cotidiano das pessoas, não apenas como arte, tendo em vista que os folhetos são vendidos em feiras, e há uma série de vivências e processos de produção, de divulgação e de comercialização, portanto, relações humanas envolvidas até se chegar à leitura do folheto.

É importante destacar estas características da escritora e da produção dela para entendermos melhor as temáticas tratadas no conto *Gesso*, presente no livro *Redemoinho em dia quente*. A forte presença da religiosidade no cotidiano do povo cearense, seja para o bem ou para o mal, contribui para o fortalecimento das relações comunitárias. Outro tema tratado na obra é a forte presença do machismo por meio de um relacionamento abusivo. Embora muito presentes na realidade brasileira, não necessariamente traduz o que seja ser brasileiro, muito menos definidores da identidade de nosso povo.

1. REVISÃO DE LITERATURA

A formação da identidade de uma nação perpassa todos os aspectos da vida em sociedade, vivências diárias, costumes, valores éticos e morais formam um conjunto de características que definem o que é ser e pertencer a determinado povo, a determinado país. No entanto, podemos nos questionar quais características sociais são “eleitas” e tidas como fundamentais para afirmar “que isso ou aquilo faz de nós brasileiros” ou, pensando de modo mais regional (por que não estereotipado?), “o povo nordestino passa fome por causa das secas”, expressões redutoras e carregadas de preconceitos.

O Brasil é um país muito diverso, devido ao seu tamanho territorial, continental, possui uma variedade de expressões culturais muito diferentes entre si, por isso, é difícil elencarmos aquela característica definitiva do que é ser brasileiro. Então como poderíamos entender quem somos? O que nos torna uma nação? Quais fontes poderíamos consultar para



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br [@faculdadefmboficial_](https://www.instagram.com/faculdadefmboficial/)

buscar respostas a esses questionamentos? Que espaço a cultura popular ocupa na formação da identidade do povo brasileiro?

Além das fronteiras geopolíticas entre os países, uma das formas mais efetivas para a formação da identidade de uma nação vem do acervo cultural produzido ao longo do tempo, constituindo a memória coletiva que será transmitida de geração a geração. Dentre às inúmeras fontes, podemos compreender que a literatura ocupa um lugar de destaque, pois o ser humano necessita de momentos de fabulação no seu cotidiano, e entendendo a literatura de maneira ampla, conforme Cândido (2004), desde as anedotas, piadas, histórias, às formas mais elaboradas como contos, novelas, romances, a literatura, de maneira ou de outra, contribui para a formação da identidade de uma nação.

Assim todas essas formas narrativas reafirmam ou negam certos estereótipos, pois não se trata de uma arte inofensiva, na medida em que possui grande prestígio social, mesmo entre aqueles que não leem, a literatura tem grande influência na vida humana:

(...) Neste sentido, ela pode ter a importância equivalente à das formas conscientes de incultamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. (...) os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p.177)

Por isso, destacamos a importância da leitura literária de outras histórias, de outras fontes para além do cânone literário oficial. De maneira alguma negar a importância do cânone, mas buscar também questioná-lo a partir de outros olhares, pontos de vistas diferentes de escritores e escritoras que apreendem a realidade a seu modo, buscando na arte literária uma maneira de terem também suas vozes ouvidas, não representadas por terceiros que revelam por meio da escrita a forma preconceituosa que enxergam o diferente.

2. METODOLOGIA

No trabalho “Letramento Literário: teoria e prática” (2019), Rildon Cosson discute várias questões acerca do trabalho com o texto literário em sala de aula. Desde a problemática



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_



que envolve a escolarização da literatura, bem como podemos trabalhar com os textos literários de forma a despertar o interesse pela leitura, e, assim, construir uma comunidade de leitores.

O cumprimento de algumas etapas e funções permitem um maior aprofundamento e interação com a obra escolhida para se trabalhar. Conforme Cosson (2019) as etapas são as seguintes: motivação, em que traremos alguma outra expressão artística que tenha relação ao texto que será lido, mostrando o diálogo que as expressões artísticas mantêm entre si. A seguir, faremos uma breve introdução sobre a obra, falando um pouco sobre o (a) autor (a) e destacando aspectos importantes. Depois dessas etapas, partiremos para a leitura do texto selecionado, primeiro, faremos uma leitura individual, de forma silenciosa, logo depois, o/a mediador/a fará uma leitura em voz alta, acompanhada em silêncio pelos/as participantes.

É necessário procurar temas que sejam atuais para o público em questão. Cosson (2019) destaca que não se trata de ser atual, no sentido de novo, recente, mas que os temas dialoguem de algum modo com o cotidiano dos jovens que entrarão em contato com a obra, desse modo, será algo interessante e relevante. Não se trata de abandonar o cânone nacional, até porque muitas obras consagradas tratam de temas que continuam relevantes atualmente, mas, como a escola é, ou deveria ser, um espaço de diversidade, é necessário ler e estudar obras de autores e autoras da cultura popular, como destaca Pinheiro (2006):

(...), não advogamos o abandono do cânone, como é comum se ouvir, sobretudo entre alguns pesquisadores afinados com os estudos culturais. A escola deverá ser sempre o espaço da pluralidade. Portanto, deve-se incentivar o aluno a valorizar a riqueza da literatura oral popular, conhecer suas especificidades, seu contexto de produção, mas que isto não implique em criar um preconceito com outras manifestações literárias. (PINHEIRO, 2006, p. 26)

Se a formação da identidade perpassa a cultura de um povo, e esta pode ser encontrada nas manifestações artísticas, é necessário conhecer outras manifestações além da “oficial”, ampliando as fontes das histórias contadas, justamente para conhecer outros heróis e heroínas do nosso povo.



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_



Como foi exposto no tópico anterior, a construção da nossa identidade e da nossa noção de pertencimento a determinada cultura é muito alicerçada ao que está no imaginário popular, as ideias presentes nas narrativas. Portanto, temos de ter o bom senso

de que não basta afirmar que será trabalhado a cultura popular por meio da literatura de cordel, mas é preciso *vivenciar* na prática o que se entende por cultura popular. Por isso, é fundamental observar quais são as vivências do cotidiano da comunidade na qual a escola está inserida. Além de quais temas são de interesses dos/das nossas/as estudantes. Ler é um ato de resistência, não é uma atividade individual ou apenas uma decifração do código escrito, mas:

(...) No sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. O trocadilho tem por objetivo mostrar que no ato da leitura está envolvido bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (...) Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário. (COSSON, 2019, p. 27)

A todo momento fazemos leituras de tudo o que permeia nosso cotidiano, dos acontecimentos, das notícias, da política, enfim, da nossa convivência em sociedade. Assim, não há a possibilidade de desassociar a leitura da vida humana – sempre fazemos leituras do que ocorre direta ou indiretamente em nossas vidas. Como afirma a famosa frase de Paulo Freire (FREIRE, 1989) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Por isso, ampliar a capacidade de interpretação dessas leituras é imprescindível para uma vida mais consciente e atuante, fazendo com que sejamos protagonistas de nossa própria história.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gesso é um título interessante para um conto. De imediato, desperta nossa curiosidade diante de um título assim, mas escolha não foi à toa, tendo em vista o desfecho surpreendente para a narrativa, que nos prende a atenção, do início ao fim, devido à atmosfera densa que é criada pela narradora.



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br [@faculdadefmboficial_](https://www.instagram.com/faculdadefmboficial/)

Alguns temas sociais são apresentados pela autora, como o machismo, a religiosidade, a solidariedade (ou falta dela), como uma maneira para despertar discussões acerca dessas temáticas, questionando o porquê de certas práticas, como por exemplo o machismo, tornarem-se corriqueiras. Tais práticas são tão recorrentes que muitas pessoas acreditam serem *naturais*, normalizadas pela frequência em que ocorrem, como se existisse uma *cultura machista*. Por causa disso, são necessárias ações constantes para desconstruir tais percepções.

Jarid Arraes em sua escrita faz exatamente isso. Um caso, como tantos outros, de relacionamento abusivo, violento, é retratado de modo artisticamente elaborado, fazendo-nos refletir sobre muitas questões que permeiam nossa sociedade, mas, principalmente, no nosso cotidiano, mais próximo de nossa vivência comunitária. A religiosidade está mais próxima dessa vivência comunitária do que a fé, no sentido de prática de espiritual. No início do conto, a narradora nos mostra essa união em torno da prática comunitária:

Sempre achei bonita a cerimônia que as minhas vizinhas faziam quando era dia de renovação em alguma casa da rua. O Sagrado Coração de Jesus, o Sagrado Coração de Maria. Desde pequena, ouvi falar sobre votos renovados. Casamento, amizade, vizinhança, a própria casa. As vozes cantando juntas. A nós descei, Divina Luz. O coro forte estranhamente afinado.

O que mais me interessava era o final da reza, porque dentro de pouco tempo as pessoas da casa trariam sequilhos, bolo de milho, suco de maracujá, refrigerante. O tipo de comida dependia do tipo de casa. Gente mais pobre oferecia um suco meio aguado, bolacha maizena e um só tipo de bolo. Quem não estava tão ruim, variava um pouco mais. Minha bebida favorita era o aluá, mas esse eu só bebia na renovação da minha avó. (ARRAES, 2019, p.90)

A união em torno do evento religioso era um momento de partilha de vivências, muito mais do que celebrar a fé cristã: “Da última vez que ela organizou a renovação, a rua estava muito mais cheia de casas e de gente. Tinham asfaltado tudo, inclusive. Parecia que Socorro queria comemorar o asfalto novo também.” (ARRAES, 2019, p.90). Por conta disso, tais práticas religiosas estão muito mais ligadas às práticas culturais, parte da tradição herdada pela imposição da religião católica aos povos nativos, do que a espiritualidade. Seja para o bem ou para o mal, muito do que se entende por ética e moral tem origem nos fundamentos



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_



católicos, que influenciam diretamente comportamentos e condutas até mesmo entre aqueles que não praticam ou creem na religião.

Doralice, a narradora, estava na casa da vizinha Socorro, num desses eventos religiosos, entre rezas e louvores, a protagonista do conto, esqueceu que havia marcado o encontro com Sérgio, seu companheiro. Homem “horroroso”, segundo a narradora, não de aparência, mas de ações. No começo do relacionamento, descontava “as raivas” xingando Doralice. Mas, à medida que o tempo passava, a violência psicológica passou a se tornar física. Por isso, o medo de Doralice ao perceber que Sérgio estava rondando a casa de Socorro, à procura de Doralice.

É interessante notar que o espírito comunitário somente funcionava na prática em épocas de festas, pois diante da situação de Doralice, a vizinhança “não metia a colher”, como diz o velho ditado machista:

A rua inteira assistia, mas Sérgio se tornou corriqueiro. Tinha gente que já nem levantava a vista, só continuava varrendo a calçada, dando água pras plantas e trazendo os meninos da creche.

Eu engolia o choro, fazia cara de raiva e deixava que ele me puxasse e empurrasse, porque assim doía menos. Tentei me debater uma vez e meu braço ficou todo roxo, pensei até que fosse cair. Depois aprendi que braço não cai assim fácil.

E também eu não achava que tinha muita escolha. Se eu fazendo todas as suas vontades, Sérgio já me usava de boneca de trapo, do que seria capaz se eu lhe desse um pé na bunda? Eu não gostava nem de pensar, porque eu nunca conseguia imaginar que ele me deixaria em paz e eu ficaria livre para me pegar com quem eu quisesse. Então eu me pegava só com ele, que não era grandes coisas, mas se dedicava. (ARRAES, 2019, p.91)

A Virgem Maria cochichou no ouvido de Doralice que daquela noite Doralice não passaria, pois a morte seria certa. Como Sérgio estava a rodear a casa da vizinha Socorro, a jovem não poderia imaginar outra coisa. Assim, mesmo incrédula, a narradora nos conta como a Santa constantemente repetia que naquela noite a morte viria. Por esse motivo, Doralice criou uma estratégia para escapar, ou pelo menos, retardar o encontro com Sérgio:



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br



@faculdadefmboficial_



uma promessa, que deveria ser paga naquela noite. Então a jovem decidiu ficar a noite toda em vigília diante da imagem da Santa.

Enquanto a celebração acabava e a comida era distribuída entre as pessoas, Sérgio tentava através de olhares de mando levar Doralice para casa, porém, Sérgio se sentiu intimidado em fazer algo mais enérgico devido a presença de muitas pessoas no local. Quando todos participantes vão embora, Doralice comunica a Socorro a vontade de permanecer ao lado da Santa durante toda a noite, o que é permitido pela dona da casa. Ao amanhecer, Sérgio perde todos os escrúpulos e tenta arrastar Doralice para casa, chegando a agredi-la:

Sérgio, eu só tô rezando. Que reza que nada, sua rapariga, vai pra casa comigo. Não vou, não! A PROMESSA! Ele mirou bem no meu nariz e o murro pegou foi com tudo. Ouvei minha cara se quebrando, os ossinhos todos torados no meio. Comecei a chorar, as palavras se apagaram da minha boca e eu fiquei com os braços mexendo enquanto ele me segurava pelo pescoço.

Socorro foi pra calçada gritar por ajuda, alguém corre aqui, chama um homem! Na minha cabeça aquilo ali não tinha mais volta. A Santa tinha me avisado que de hoje não passava, que a morte vinha. (ARRAES, 2019, p.95)

Este é o momento mais dramático do conto, próximo a um desfecho surpreendente. A escritora soube criar uma tensão, desde o início, elevando a curiosidade durante toda a leitura até o final. É interessante destacar nessa cena de violência o pedido de ajuda da dona da casa, Socorro, ela pede que se chame um homem para salvar Doralice. O espírito de comunidade mantém o masculino, considerado forte como a solução para os problemas.

Além de tratar de questões de violência doméstica, religiosa, comunitária, é interessante destacar o uso de expressões regionais utilizados pela escritora. Como foi destacado anteriormente, Jarid Arraes não escreve de modo estereotipado, “forçando” ditos cearenses, mas escreve de forma precisa algumas expressões que fazem com que a narrativa não soe artificial: “Colocava na cabeça que eu estava dando moral pra outro e dizia que eu era uma quenga.” (p.91); “Minha mãe, a pobre, (...)” (p.92); “E Sérgio com raiva. Fumaçando.” (p.92); “Eu dizendo perainda, eu tô ajudando, perainda.” (p.92); “Rá, agora pronto, além de



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



faculdadefmb.edu.br @faculdadefmboficial_

me fazer esperar.” (p.93); “Ele ficou soltando fogo pelas ventas e foi embora de novo.” (p.94); “Engoli o cuspe e pulei da cadeira com as batidas na porta.” (p.94).

Quem ajudou Doralice? O nome do conto faz todo o sentido ao final, quando a ajuda vem, de fato da Santa:

Sérgio afrouxou a mão do meu pescoço e eu despenquei na cadeira. Bora, mulher, que eu quero meu cuscuz. Ele foi caminhando na frente e me deu as costas. Ai eu não pensei duas vezes. Santinha, me perdoe, mas é a Senhora que vai resolver esse caso pra mim.

Peguei a estátua com a mão direita e lasquei uma cacetada na cabeça de Sérgio. Não lembro se ele deu um grito ou se foi o som do corpo caindo. Socorro chegou com dois vizinhos, mas a Santa já estava toda espatifada, os cacos espalhados pelo tapete. A poça de sangue formada no chão. (ARRAES, 2019, p. 95)

O conto *Gesso*, de Jarrid Arraes, é uma boa alternativa de obra para ser lida em círculo de leitura com jovens por tratar de temas que estão presentes no cotidiano de muitas pessoas. Tendo em vista o objetivo principal de formar uma comunidade de leitores, por meio do letramento literário, é fundamental a participação do grupo de estudantes na leitura, discutindo os temas que o conto traz à tona.

4. CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos uma proposta de letramento literário por meio da leitura do conto *Gesso*, da escritora cearense Jarid Arraes. O texto apresenta temas pertinentes à realidade vivenciada por muitos jovens em idade escolar. Partindo da ideia de formação da cultura por meio da contribuição da arte literária no imaginário popular, a leitura de outros autores e autoras, para além do cânone oficial presente nas escolas, é importante para ampliar a visão de mundo de nossos estudantes, contribuindo para uma maior participação social.’

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *Cultura popular, um conceito e várias histórias* In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel, Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.



Seminário de Iniciação Científica

VIII SEMIC



 faculdadefmb.edu.br

 @faculdadefmboficial_

ARRAES, Jarid. *Gesso*. In: ARRAES, Jarid. *Remoinho em dia quente*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 4ª. Ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

COSSON, Rildo. *Círculo de leitura e letramento literário*. São Paulo: contexto, 2014.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. In: *Palavras chaves*. São Paulo: Boitempo, 2007.